



07-03-2012

Etv

Projecto Empresa

Quarta-feira, 22h30

FACTOS

- O grupo é composto por cinco unidades fabris: Solidal e Quinta & Quintas Condutores, Tegopi, Bobimade, Quinta & Quintas Angola e Alkeg-Tegoli.
- A facturação da Solidal alcançou 111,7 milhões de euros contra os 80,7 milhões de 2010.
- O EBITDA e os lucros da Solidal desceram ligeiramente para 11,5 milhões e 2,6 milhões de euros em 2011, respectivamente.
- A Solidal é responsável por cerca de dois terços dos resultados do grupo
- O grupo conta com 655 colaboradores, dos quais 349 trabalham na Solidal.
- O grupo está presente em 11 países.

ENTREVISTA PEDRO LIMA Presidente executivo da Solidal

“Não há financiamento para o sector produtivo”

O presidente executivo da Solidal diz que empresa tem boas perspectivas no mercado internacional.

Ala Martins
ala.martins@economico.pt

A joia da coroa do grupo Quinta & Quintas continua apostada em crescer. O presidente executivo da Solidal, Pedro Lima, reconhece que, nesta fase, não seria possível pensar em novos mercados sem a reestruturação da dívida e das portfólios de negócios. Para já, o líder da empresa que desenvolve condutores energéticos deixa um apelo à banca para voltar a financiar o sector transformador, sem o qual Portugal não conseguirá voltar a crescer.

Como é que a Solidal está a lidar com esta crise?

Felizmente, não está a lidar muito mal. Esta crise é profunda, vai ser longa, e não será fácil de ultrapassar. O facto de estarmos posicionados em mercados mais estáveis, em termos sectoriais, e de dependermos muito pouco dos países mais afectados pela crise, concretamente a Península Ibérica, faz com que não sintamos tanto.

Que tipo de reajustes tiveram de fazer para se adaptarem à situação actual?

O facto de termos tido, antes desta crise, uma evolução bastante positiva em termos de melhoria de margens operacionais, através de produtos de maior valor acrescentado, e de termos prosseguido com um investimento muito significativo no aumento de capacidade produtiva, mais dirigida aos segmentos altos da nossa gama de produção, fez com que resistíssemos muito melhor. Esperamos que este ano seja melhor que 2011 e que possamos ter alguns resultados concretos desta aposta. Por exemplo, em mercados como a Suíça.

2003 foi decisivo para a Solidal, que quase falhou. Tiveram que fazer uma reestruturação profunda?

Não falaria em falência porque não foi isso que aconteceu. A Solidal estava numa situação de sobreendividamento que nos obrigou a rescalonar a dívida. Paralelamente, fizemos uma reestruturação operacional que aumentou a rentabilidade da empresa e permitiu pagar a dívida de uma forma muito agressiva. Ainda temos um plano de reembolso em vigor que estamos a cumprir desde essa data. **Pode dizer-se que as opções que fizeram permitiram abrir caminho para o futuro do grupo?** Estou convencido que sim. A sustentabilidade do grupo aumentou muito.

Como olha para a entrada de um grupo chinês na EDP e para privatização de uma maior fatia da REN?

Como algo normal. As estruturas accionistas dessas empresas não são determinantes. O que é determinante é a regulação, não só no sector eléctrico. Há muito a fazer na regulação em Portugal e isso é reconhecido no memorando da 'troika'.

Não partilha da ideia de que estamos a vender todas as jóias da coroa?

É um 'trade off'. A rede energética é um activo estratégico muito importante. Por isso, se a queremos vender, é porque temos necessidade. Admito que fosse imperioso fazê-lo.

Já disse várias vezes que o caminho é internacionalizar. O que falta?

O financiamento. Não é possível manter taxas de crescimento das exportações a dois dígitos sem haver aumento da capacidade produtiva. O que está a acontecer em Portugal é que não há financiamento para o investimento produtivo e os pecados do passado, em termos de sobreposição do sector bancário, nomeadamente à indústria da construção, mantêm-se.

O presidente executivo da Solidal, Pedro Lima, defende que "devemos agora garantir que os bancos estão em condições de cumprir a sua missão de fazer circular o dinheiro na economia".



PERFIL

Caminho cruzados desde 1987

Desde 1925 que o grupo Quinta & Quintas se dedica ao desenvolvimento de condutores eléctricos. Um projecto do comendador Fernando Alves Quintas nunca abandonado pelas futuras gerações da família com raízes na Póvoa do Varzim. E que hoje ainda tem na presidência o filho Manuel Quintas. Em 1987, o grupo entra no capital da Solidal, criada em 1970, e em 1994 compra a totalidade do capital. No entanto, é sobretudo a partir do processo de reestruturação, em 2003, que o grupo renasce.

Estamos a pôr os ovos nos cestos errados?

Infelizmente, não se pode conseguir que esta repartição de altere drasticamente. Devemos agora garantir que os bancos estão em condições de cumprir a sua missão de fazer circular o dinheiro na economia. Da parte das autoridades que conduzem a política económica, deve haver incentivo aos próprios bancos para que canalizem o seu crédito para a indústria transformadora e para quem exporta. Esse incentivo existe apenas em termos de discurso.

Essa é a sua maior preocupação, neste momento?

É. Alterar este estado de coisas obriga a opções políticas difíceis. Pode obrigar à nacionalização de grande parte dos bancos e isso é uma decisão difícil mas que pode ser necessária.

Que avaliação faz do Governo?

O Governo está a fazer o que pode no muito curto prazo. Ainda é cedo para fazer uma avaliação definitiva. É muito importante cumprir o memorando da 'troika', prosseguir uma política de rigor orçamental, fazer reformas na saúde e racionalizar despesas. O que ainda não foi possível abordar é

que a forma como essas medidas, de restrição orçamental, afectam a economia e provocam recessão está a ser mal entendida. Na realidade a recessão é provocada por outros factores. Não é pelo facto de se cortar despesa pública que se cria recessão, no médio prazo, pelo contrário. Criam-se condições para a libertação de meios para que o sector privado possa investir. Mas para isso é fundamental que, num segundo momento, os meios de financiamento normais da economia estejam disponíveis. E a grande diferença entre esta situação e a que vivemos aquando da vinda do FMI na década de 80 é que nessa época a banca estava a funcionar normalmente. E actualmente, por muito que digam, não está a funcionar normalmente.

Recentemente o primeiro-ministro disse que os portugueses tinham que ser "mais ambiciosos e deixar de ser piegas". Acha que tem razão?

Acho que o que ele queria dizer que, acima de tudo, tínhamos que ter coragem, trabalhar e acreditar em nós para que o futuro nos seja favorável. ■